

Solange das cerejas: 53 poemas de amor

Uma leitura de um livro:

José Gil é o autor que nos convida a partilhar hoje um livro pequeno, branco, depurado, de 15 x 18 cm, com 53 poemas, de amor...

É um privilégio estar nesta sessão com alguém que conheço há mais de três décadas, em contexto profissional. Mas não é esse que convoco aqui. Este é o lugar do pessoal, de um outro registo quase quotidiano, de centenas de quilómetros feitos ao longo de uma estrada já sem surpresas, com ou sem outras companhias, repleto de conversas amenas, privadas, guardadoras de segredos, muitos, pessoais, íntimos, alguns apenas sentidos, não ditos, por não encontrarmos para eles palavras. Um percurso de cumplicidades, de discussão, de pontos de vista, de timidez, de tristezas e alegrias, de angústias, trocadas e partilhadas.

Conhecemo-nos e partilham-se os medos sobre a vida dos filhos, o arrojo das decisões, as dúvidas, as certezas, os amores felizes e depois infelizes, a vida...o passado e o futuro...

Outras mulheres e homens que povoam as nossas vidas marcam também presença nestes diálogos. Até aqui nenhuma surpresa. Porém, nenhuma como a Solange – mulher real, amada – traz tanta melancolia, nostalgia e reflexão sobre distância e saudade.

Foi há muitos anos, na véspera da partida para o Chile, que soube que o José Gil (lhe) escrevia poemas. Foi uma admiração total. Depois, um dia, quase com uma alegria pueril, falou de um livro que iria publicar. Soube então que o queria pequeno, em linguagem direta, com a naturalidade de quem fala, “bonito e simples”. Seria uma forma de, como disse Nadine Gordimer, ao mesmo tempo, se esconder dizendo, em alta voz, o que sentia em surdina. Para uma pessoa tão educada, tímida, respeitadora dos outros, a escrita da poesia seria a forma de comunicar o/com o sofrimento que a distância lhe impunha.

No verão passado trouxe um livro, este, que me pediu que lesse e cuja apresentação me convidou a fazer. Hoje, agradecida, aqui estou para lhe devolver a minha resposta e, com ele e com todos aqui presentes, partilhar a intimidade que ele nos oferece.

Um título cheio - com a amada e com pequenos poemas que, tal como as cerejas na cultura popular, não se consegue parar de ler como numa magia que se estabelece “entre a folha branca e o gume do olhar” (Eugénio Andrade).

Um livro sobre o oceano Atlântico, enorme entre duas pessoas, que “conhece muitos segredos” e que comunica sofrimento. Um livro triste, sobre a solidão. Repleto de palavras “ cheias de memória/, algumas, um punhal, um incêndio/outras, orvalho apenas” (Eugénio de Andrade), de lugares, de cheiros, de sabores, de gestos, de cores. Sobre o amor, os tempos felizes, fugazes.

As sultanas, o melão, os figos do cato (as piteiras, o figo-da-índia, a figueira do diabo...), os morangos, os marmelos, as nozes, o mel, o vinho lembram poemas do quotidiano de tempos árabes na Península, cantados por poetas como Al-Mu’Tamid.

A leitura, o corpo, “o amor sem feriados”, “os beijos com flores eróticas”, “os teus lugares ausentes das minhas mãos” “ o teu corpo para mergulhar na minha terra o lugar da serenidade” são a exposição de um homem na meia-idade que ama, que partilha essa felicidade com quem o lê, sem reboço ou pudores. São um convite a entrar na intimidade de prazeres e tristezas de quem os escreve, sem disso ter vergonha. São a concretização da máxima de Fernando Savater que, aos professores (como é o caso de José Gil) recomenda que exponham, sem despudor, a sua nudez perante quem os ouve.

Poesia de espaços e lugares entre Colares, Santiago do Chile, Guincho, Nazaré, Sevilha, Cascais, Serpa, Sintra, Belo Horizonte, Évora, Pinhal Novo, Punta del Mar, Valparaíso, onde se expõem pormenores com um detalhe de filigrana e de geografias que o aprisionam e que lhe recordam todos os sítios de felicidade.

O tempo multifacetado de uma década de amor é encarcerado em frases que percorrem “o verão”, “o natal”, “dezembro”, “o amor sem feriados nem domingos”, “janeiro é assim”, “sábado chove no outono, fevereiro”. Esta sucessão rápida, só na enumeração, carrega uma angústia melancólica na lembrança.

A poesia chilena, a de Drummond de Andrade, a de Leonard Cohen sussurrada ao ouvido no “dance me to the end of love” percorre, do início ao fim, o texto destes 53 poemas. A ela se juntam algumas das causas por que vale a pena bater-se: o teatro sempre, os refugiados, a resistência de Mandela, “a podridão das negociatas e o direito à honra”, o colonialismo e o “desemprego a crescer na nossa pátria”...

Poesia ainda de distância e saudade que impede a felicidade total. O “que temos lutado para não haver longe nem distância”, entre um tempo passado de que se fala,” no natal passado que demorou meses a preparar”, “ quantos dias passaram sem as cerejas das tuas carícias”, “dormimos nas palmeiras da sombra”, “eu amo-te dolorosamente na linha da distância”.

Esta maldição lançada sobre a distância é tão consciente e castradora que o poeta nos faz lembrar os versos de Pablo Neruda, precisamente sobre a dor da distância, quando este diz:” Não estejas longe de mim um dia que seja, porque, porque, não sei dizê-lo, é longo o dia”.

A saudade impõe-se, diacrónica, do princípio ao fim do livro, em frases curtas, acutilantes, quase impercetíveis: “Saudades de tantos abraços, saudades”, “estamos tão longe e tão perto”, “Lembramos Santiago com saudade infinita”, “esquece as saudades nos meus dedos vagabundos de mel”, “mergulho nos cabelos da saudade com trancinhas húmidas como algas”, “as saudades de tantos dias de outro”.

Nestes poemas há uma angústia constante perante a dificuldade de viver o presente, ou seja, um intervalo entre um passado de amor que se recorda e que se inquieta com a invenção de outras formas de preparação de novos encontros: “espero devagar o passar do tempo” “Dedos que escrevem o branco caminho da tua vinda em agosto”, “ imagino o futuro agosto”.

Este livro, também onírico, delirante, verbaliza cada dia como se fosse um sonho irreal gasto na preparação de encontros vindouros, angustiantes porque sem limite previsto para acontecerem, embora estimulantes porque com esperança de concretização – “vou tocar o teu peito com pedrinhas doces”, “vou voar em sonho de madrugada de Lisboa para Belo Horizonte”.

Num livro de poemas de amor há lugar para uma dedicatória à mãe que, apenas no que à felicidade da infância se refere, lembram Eugénio de

Andrade no *Poema à mãe*. Também aqui José Gil é feliz pois é “o menino que adormeceu nos teus olhos”, que recorda a felicidade da recolha das folhas de amoreira, ainda hoje, já enormes e inacessíveis, mas ainda visíveis, na Av. Grão Vasco e que passou tardes imensas na “esplanada da Nilo”, a pastelaria onde, ainda hoje, também a mãe se senta mesmo que nem sempre na companhia dele.

A relação de igualdade entre o par amoroso, a preocupação com o outro, a ingenuidade do quotidiano está também patente num poema que não resisto a ler (poema 33, p. 33):

“e o teu pezinho, amor lindo, ainda dói?/ demora tempo a passar/meu amor lindo, demora tempo/ mas vai passar com o verão/ coloca o pé sempre ao sol e dentro de água com sal/. Ana da sempre, nunca pares/ anda, anda devagar se necessário, mas anda/ e toma os remédios/do médico/. amo-te tanto, escrevo-te hoje como um poema,/ ao ano está quase a mudar e estou só//escrevo para sobreviver/és a mais linda, a mulher/ transatlântica/que me deu tanto amor/beijo e beijo/pensa em mim/ eu rezarei para o novo ano”.

Se se ousasse enclausurar o livro numa palavra poderia escolher-se, como o próprio poeta afirma, a “solidão” de quem vive “vencido pela paixão”. Regressando de novo a Pablo Neruda, também o poeta assume que “*estou triste: mas sempre estou triste. Venho dos teus braços. Não sei para onde vou*”.

Apesar de tudo, existe uma esperança, uma hipótese de remissão que o poeta partilha com quem o lê: a crença no poder da poesia, quando se afirma (poema 53, p. 50):

“não há divisão entre a vida e a poesia/ponte ou muro na transparência/meu corpo é aberto no alcatrão/ quando o poema explode, onde/os outros pavoneiam a sua obra/eu apenas desejo transformar-me/ num comboio de laranjas de sol/ e revelar a prática dos carris de ferro/e o gelo mais duro da solidão picado/pela casa de todos os leitores/ pelas portas que os seus olhos abrem/e pela gratidão doce da sua leitura”.

Sonim/Lisboa, agosto 2017

Ana Maria Pessoa